Novo Coronavírus no Brasil e em Minas Gerais
Estimativas dos Impactos Econômicos

DESTAQUES:

- ***A combinação de uma crise na saúde com uma crise econômica após a mais profunda recessão da história brasileira impõe muitos desafios para os formuladores de políticas públicas brasileiros. A ausência de um plano estratégico nacional e claro para lidar com esses dois enormes problemas torna os exercícios de previsão de curto e médio prazos mais difíceis. As projeções de queda da economia brasileira variam de 3% a 10% em 2020 entre os analistas de mercado.***

- ***Em meio à pandemia, ocorre, ainda, uma crise política, marcada por uma queda de braço entre os três poderes da república e pela ameaça de impeachment do presidente Jair Bolsonaro. Quem estará no poder em 2021?***

- ***Há elevada incerteza no que se refere ao desempenho das medidas econômicas de preservação do emprego e da renda, assim como dos auxílios às pessoas e aos setores mais vulneráveis. Quantos serão os desempregados no Brasil ao final de 2020?***

- ***A todas elas, soma-se um novo componente – o futuro fiscal. O aumento do déficit e do endividamento público e a enorme dificuldade de aprovação de reformas estruturais diante de um ambiente político desfavorável são muito preocupantes. Qual será o custo de financiamento da dívida pública mais adiante?***

- ***Diante de tantas incertezas, o nosso cenário é de uma recuperação lenta da economia brasileira e mineira – retomada em 'U', cujos principais resultados são apresentados na tabela a seguir. As premissas que fundamentaram as nossas estimativas são apresentadas na sessão quatro.***

	2020		2021	
	BR	MG	BR	MG
Agropecuária	4,5%	3,2%	3,2%	1,6%
Indústria	-4,9%	-5,3%	4,3%	9,5%
Indústria Extrativa	0,5%	1,3%	3,2%	9,8%
Indústria de Transformação	-6,2%	-8,5%	4,7%	12,9%
SIUP	-1,6%	-0,4%	4,1%	7,3%
Construção	-6,1%	-4,7%	3,8%	1,5%
Serviços	-6,9%	-8,8%	5,2%	1,3%
PIB	**-5,7%**	**-7,0%**	**4,9%**	**3,3%**

- ***Os impactos econômicos com desagregação setorial são apresentados na sessão cinco.***

1. Introdução

Grande parte da população mundial convive, em maior ou em menor grau, com medidas de isolamento social, consolidadas como estratégias bem-sucedidas para suavizar a propagação do novo coronavírus e evitar um colapso dos sistemas de saúde locais.

No Brasil, as medidas de isolamento social foram implementadas a partir de meados de março. Desde então, sua intensidade tem sido diferente entre as regiões, e sua duração, ainda desconhecida pela maioria das autoridades estaduais e municipais.

O fechamento do comércio, de indústrias, de escolas e de outros ambientes de trabalho, assim como o cancelamento de eventos públicos e o controle da mobilidade inter-regional é uma realidade também em Minas Gerais.

Ao mesmo tempo que impedem uma rápida escalada de atendimentos hospitalares e de mortes por Covid-19, as determinações de isolamento social implicam em custos econômicos e sociais muito elevados. Tanto assim, que as expectativas de desempenho da economia do Brasil e de Minas Gerais foram rápida e drasticamente revertidas para baixo, provocando a reação das autoridades públicas, especialmente do governo federal, no sentido da implementação de medidas anticíclicas.

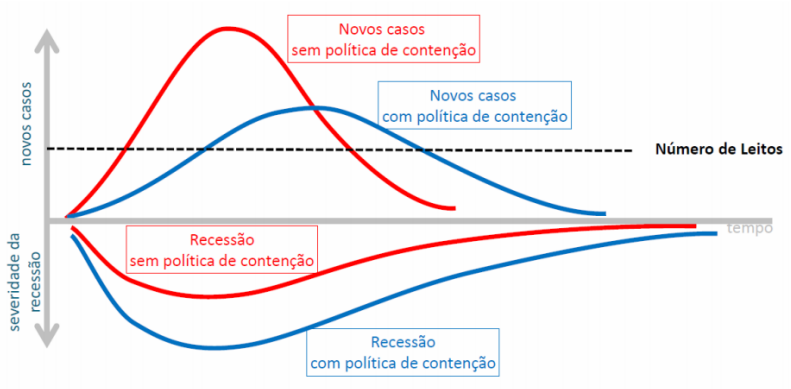
Passados os primeiros 30 dias de convivência com esse cenário, este trabalho apresenta nossas estimativas de crescimento para a economia brasileira e mineira, com desagregação setorial.

Os resultados foram obtidos através de modelos matemáticos de previsão, ajustados com base nos dados disponíveis até o fechamento deste trabalho. Esses modelos preditivos foram vinculados a modelos de insumo-produto e equilíbrio geral computável, calibrados para uma matriz insumo-produto com abertura de 67 setores e duas regiões (Minas Gerais e Restante do Brasil), referentes ao ano de 2015.

2. Desempenho Recente da Economia Brasileira

Há um amplo debate envolvendo medidas de distanciamento social e desempenho da economia. A referência história de um evento como a pandemia do novo coronavírus ocorreu há mais de 100 anos. A Gripe Espanhola infectou pouco mais de um quarto da população global do final da segunda década do século XX (aproximadamente 500 milhões de pessoas) e matou em torno de 50 milhões de pessoas[1]. A discussão é de difícil conclusão. O que se observa nos países que estão em estágios mais avançados que o Brasil no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus, é que, quanto maior o isolamento social, maior é o achatamento da curva epidemiológica e mais acentuada tende a ser a curva de recessão.

Figura 1 – Relação entre Políticas de Contenção Social e Recessão no Curto Prazo



Quanto maior o achatamento da curva epidemiológica, mais acentuada tende a ser a curva de recessão.

Fonte e elaboração: Banco Central do Brasil

Embora os principais indicadores de atividade econômica do Brasil e de Minas Gerais ainda não tenham sido publicados, as incertezas relacionadas à intensidade e à duração das políticas de contenção do contato social, somadas às evidências de deterioração do ambiente macroeconômico, abaixo relacionadas, suportam as expectativas de recessão econômica brasileira e mineira em 2020.

a. queda da confiança de empresários e consumidores;
b. aumento da incerteza;
c. queda no preço de *commodities*;
d. piora nos termos de troca;
e. queda nos preços de ativos;
f. piora das condições financeiras;
g. redução no fluxo de pessoas e mercadorias;
h. piora do mercado de trabalho;
i. restrição da oferta de crédito;
j. aumento do risco-país; e
k. desvalorização cambial.

Sondagem e Confiança industrial – FIEMG e CNI

Em Minas Gerais, o Índice de Confiança do Empresário Industrial – ICEI – saiu de 60,2 pontos em março para 33,4 pontos em abril. A queda de 26,8 pontos no período foi a maior já registrada na série histórica mensal, iniciada em 2010. O indicador voltou a apontar falta de confiança dos industriais, ao ficar abaixo de 50 pontos – valor que separa confiança e falta de confiança – após 20 meses consecutivos acima desse nível. O ICEI nacional recuou 25,8 pontos em abril (34,5 pontos), na comparação com março (60,3 pontos).

A Sondagem Industrial de Minas Gerais do mês de março mostrou intenso decréscimo da produção. O índice que mede a evolução do número de empregados voltou a ficar abaixo da linha dos 50 pontos – fronteira entre queda e aumento – e a utilização da capacidade instalada registrou nível muito inferior ao habitual para o mês. Em linha com a contração da atividade, os estoques de produtos finais caíram em março. Os índices de expectativas sinalizaram uma forte revisão dos industriais quanto à demanda, às compras de matérias-primas e ao número de empregados nos próximos seis meses, e registraram os menores níveis de toda a série histórica da pesquisa. O indicador que avalia as intenções de investimento caiu e retornou aos patamares de 2015 e 2016, período da recessão econômica brasileira recente. Os indicadores da Sondagem Industrial do Brasil apresentaram, em sua maioria, comportamento semelhante aos de Minas Gerais.

Mercado de Trabalho

No primeiro trimestre de 2020, a taxa de desemprego no Brasil, medida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua-IBGE), subiu para 12,2%, crescimento de 1,3 ponto percentual em relação ao trimestre encerrado em dezembro do ano passado.

Em março de 2020, um total de 12,9 milhões de pessoas estavam em situação de desemprego, crescimento de 1,2 milhão, na comparação com dezembro de 2019. Houve crescimento de 10,5% na população desocupada, o equivalente a 1,2 milhão de pessoas, enquanto a população ocupada diminuiu 2,5%, o equivalente a 2,3 milhões de pessoas.

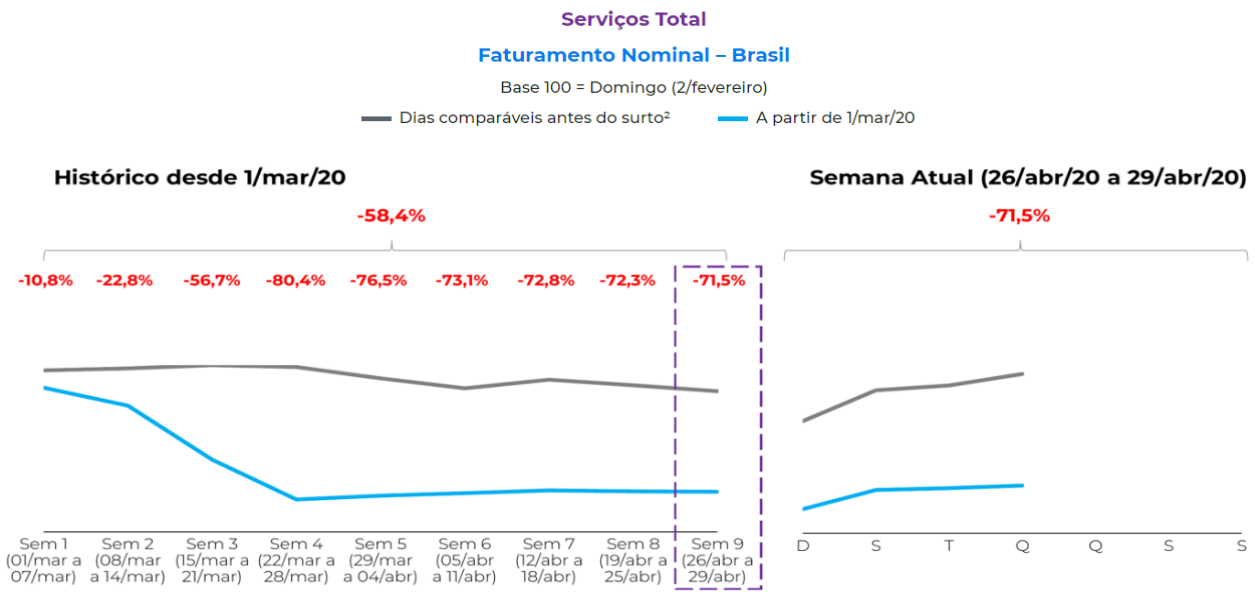
Um ponto de destaque no período foi o aumento de 2,8% no número de pessoas que saíram da força de trabalho, o que representa o contingente de 1,9 milhão de pessoas. Esse dado pode ser reflexo das medidas de distanciamento social em função da pandemia do novo coronavírus.

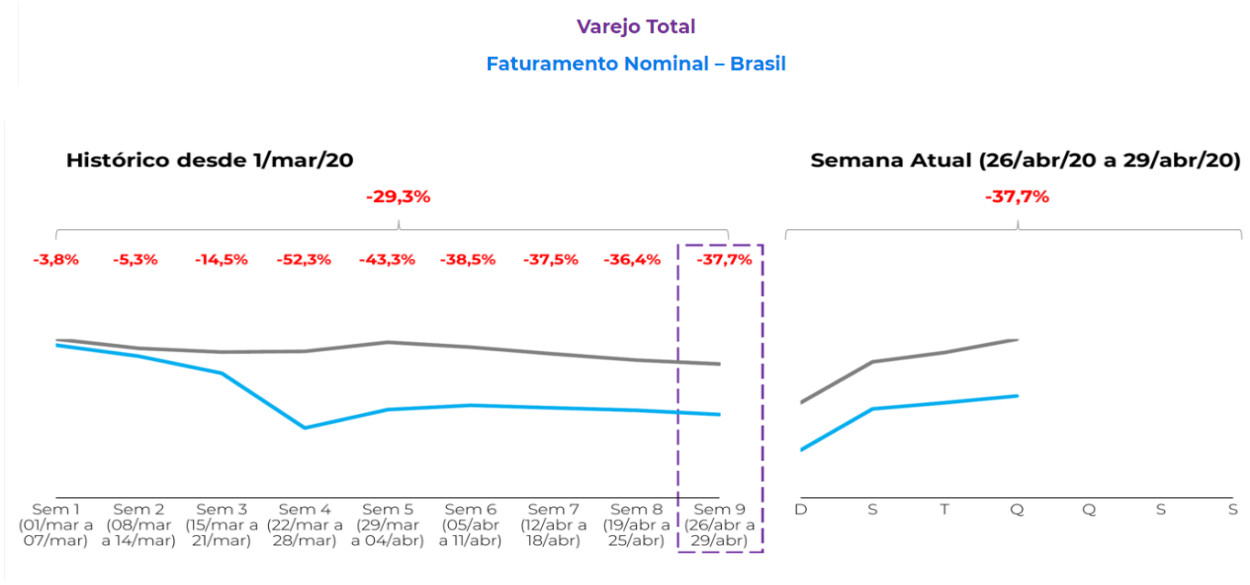
Faturamento Nacional

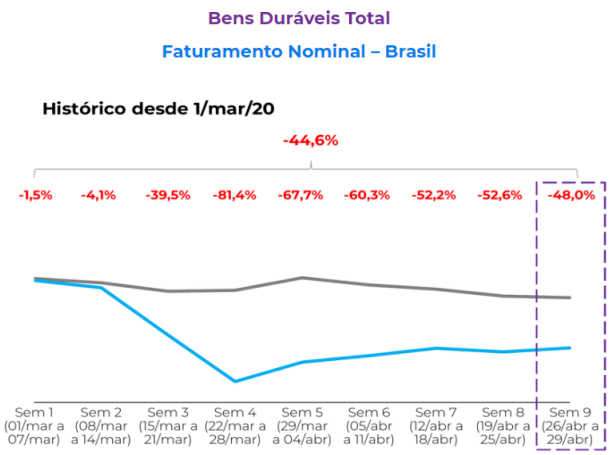
O Índice Cielo do Varejo Ampliado aponta grandes perdas de faturamento do setor de serviços nacional, o maior impacto a partir da vigência das medidas de isolamento social. Em março, o faturamento do setor apresentou uma queda acumulada de 58,4% em relação ao mês de fevereiro. O recuo no segmento de turismo e transporte foi de 72,9%; no de bares e restaurantes de 54,6%; no de serviços automotivos e autopeças de 26,7%; e nos demais serviços de 47,1%.

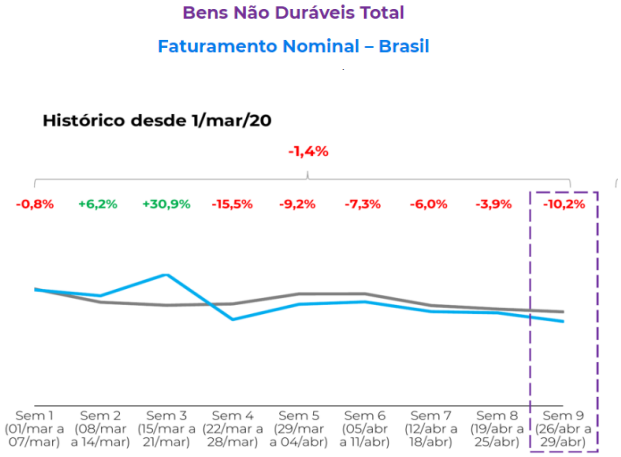
No mesmo período, o faturamento do varejo total caiu 29,3%, impactado pelo recuo de 44,6% das vendas do subgrupo de bens duráveis (vestuário: -64,2%; móveis e eletrodomésticos: -39,7%; e materiais de construção: -14,7%) e pelo recuo menos intenso, de 1,4%, do subgrupo de bens não duráveis (postos de gasolina: -31,7%; drogarias e farmácias: -1,9%; e supermercados e hipermercados: +16,9%) **(Figuras 2).**

Figuras 2 – Faturamento Nominal Acumulado Brasil (fev/20 x mar/20 - dados com ajuste sazonal)







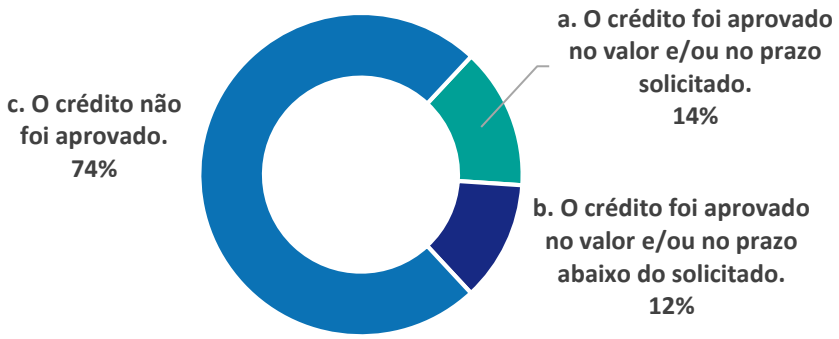


Fonte e Elaboração: Cielo

Acesso ao Crédito

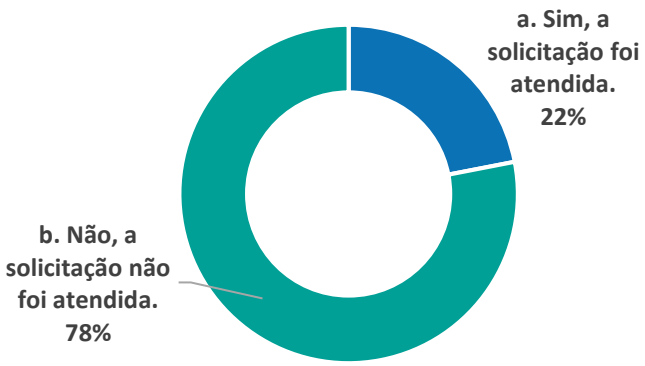
Diversas empresas vêm relatando dificuldades em acessar as linhas de crédito emergenciais anunciadas pelo governo federal, em meio à pandemia do novo coronavírus. Segundo pesquisa realizada pela FIEMG de 23 a 27 de abril, com 415 indústrias, mais da metade (59,5%) buscou ao menos uma das novas linhas de crédito, e a maioria delas (73,9%) não obteve sucesso na solicitação **(Figura 3).**

Figura 3 – Experiência das indústrias de MG na solicitação de novas linhas de crédito



O crédito para financiamento da folha de pagamento de pequenas e médias empresas, com 85% de *funding* do Tesouro Nacional e taxa de juros de 3,75% ao ano foi buscado por 44,6% das indústrias, sendo que 78% delas não obtiveram êxito na solicitação **(Figura 4).**

Figura 4 – Experiência das indústrias de MG na solicitação da linha de financiamento da folha de pagamento

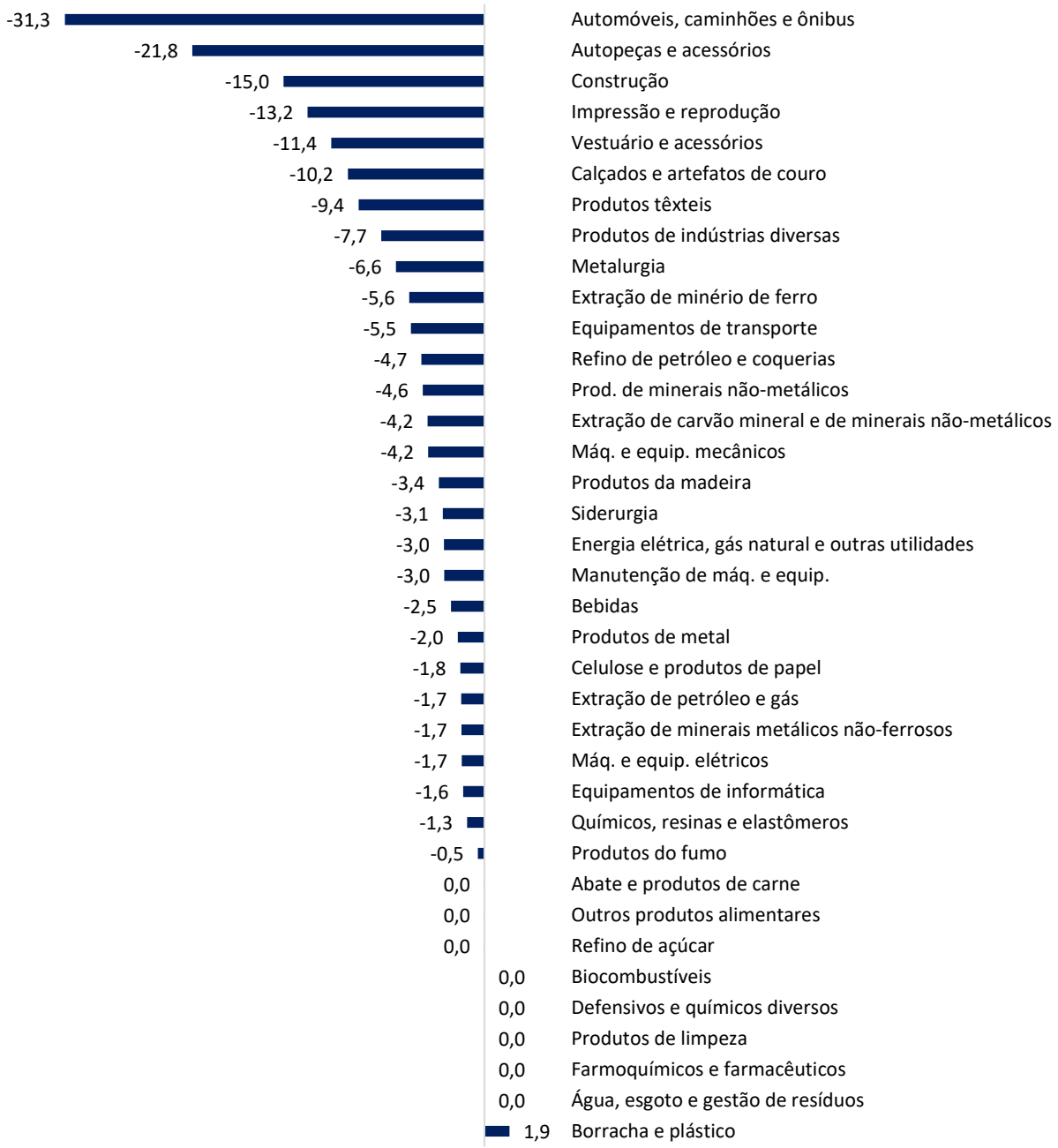


O pedido de suspensão temporária no pagamento das parcelas de operações de crédito vigentes foi realizado por 36,8% das indústrias. Quase metade (46%) não teve a solicitação atendida, sendo o principal entrave assinalado o fato das instituições financeiras de relacionamento não estarem ofertando a linha (41,3%).

3. Referências Externas

Nos Estados Unidos, nas duas últimas semanas de março – com isolamento social – houve crescimento do nível de ociosidade na indústria e no comércio. Os dados sobre utilização da capacidade instalada indicaram avanço na ociosidade de 1,9% da indústria extrativa e de 4,7% da indústria de transformação. Na indústria de transformação destacaram-se os setores de automóveis, caminhões e ônibus; de autopeças e acessórios; e de construção. Entretanto, o setor de borracha e plástico registrou aumento na utilização de capacidade instalada decorrente da produção de itens de primeira necessidade no combate à pandemia, tais como máscaras, luvas cirúrgicas e itens de utilização hospitalar (**Figura 5**).

Figura 5 – Crescimento da Ociosidade em Setores Selecionados (%)
Estados Unidos (fev/20 x mar/20)



Fonte: BEA (USA). Elaboração: Gerência de Economia e Finanças Empresariais – FIEMG

4. Premissas de Retomada Econômica no Brasil e em Minas Gerais

Nessa seção, apresentamos as premissas consideradas para a retomada econômica do Brasil e de Minas Gerais no período pós pandemia. O processo de recuperação econômica pode ser em 'V' – caracterizado por curta e profunda contração no PIB seguida de recuperação sustentada com a mesma intensidade; em 'U' – definido por rápida e aguda queda no PIB seguida de recuperação mais lenta; ou em 'L' – uma recessão severa com a economia levando vários anos para se recuperar.

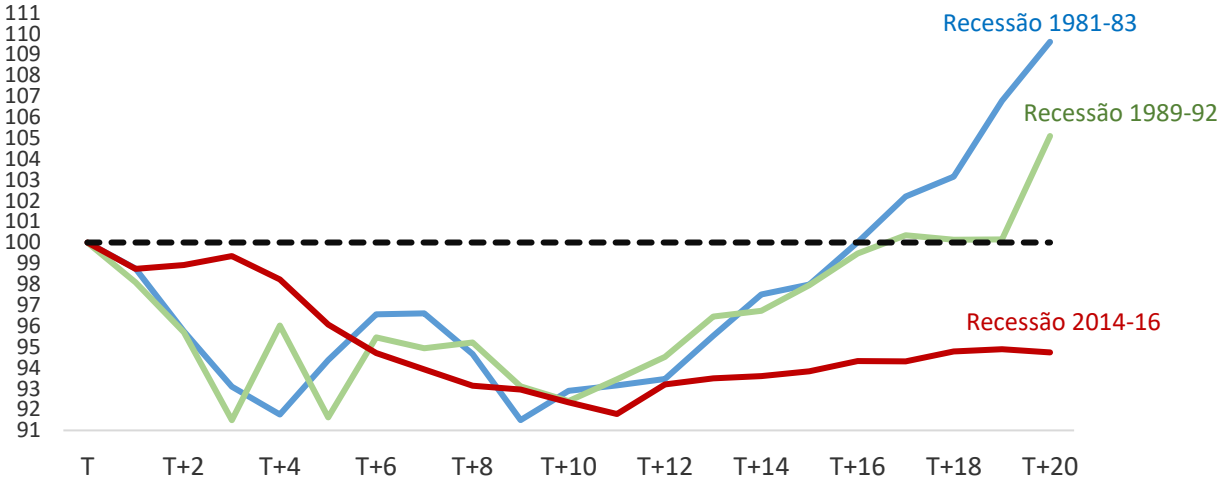
Antever uma recuperação em 'V' significa assumir que os diversos esforços do governo para mitigar os efeitos econômicos da crise serão bem-sucedidos, que os segmentos industrias e de serviços serão capazes de retomar rapidamente as operações e que o arrefecimento do isolamento social liberará a demanda reprimida, puxada pelo estímulo fiscal e monetário já implementado. O resultado seria o retorno da produção aos níveis pré-crise no início de 2021.

Apesar da recuperação em 'V' ainda ser a visão mais comum, **trabalhamos com um cenário de retomada em 'U' para a economia do Brasil e de Minas Gerais**. Nossas expectativas estão alicerçadas em uma conjuntura na qual:

- a fraca capacidade de testagem das pessoas tende a levar a atividade econômica do Brasil e de Minas Gerais a entrar no modo "parar e voltar", com ondas subsequentes de contágio até o final deste ano;
- o relaxamento das políticas de isolamento social será gradual e heterogêneo entre as regiões e os setores da economia;
- os empregos perdidos na crise não serão rapidamente recuperados, apesar dos esforços do governo;
- haverá algum grau de desestruturação de setores produtivos, tendo em vista o desaparecimento de empresas;
- ocorrerá elevação do déficit fiscal e da dívida pública para aproximadamente 8% e 90% do PIB brasileiro, respectivamente. Em Minas Gerais, haverá aumento importante do desequilíbrio fiscal;
- haverá deterioração do ambiente político e das possibilidades de encaminhamento de reformas estruturais;
- a piora das condições financeiras – das famílias e das firmas – dificultará a retomada do consumo e do investimento;
- os setores terão dificuldade para retomar a capacidade total de produção, ainda operando com considerável ociosidade; e
- a desaceleração no comércio global dificultará a aceleração da retomada econômica.

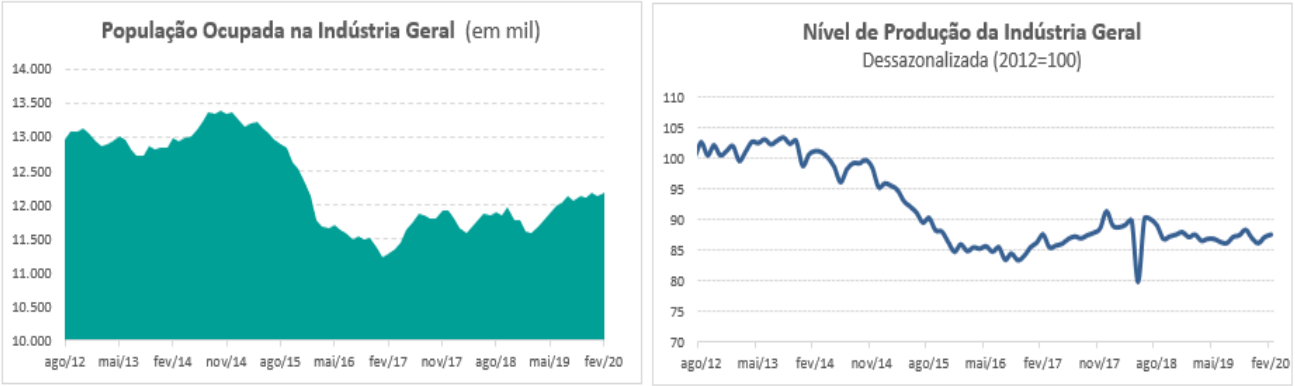
É digno de nota, que a dificuldade de recuperação da atividade econômica tem sido um problema crônico da economia brasileira, assim como de Minas Gerais, após a recessão de 2014. Na indústria, por exemplo, o nível de emprego e de produção ainda está muito abaixo do período pré-recessão (**Figuras 6 e 7**).

Figura 6 – Recuperação da Atividade Econômica após Recessões no Brasil
Pico anterior ao início da recessão: Trimestre (T) = 100



Fontes: Codace/FGV, IBGE e Ipea.

Figura 7 – Empregos Formais e Volume de Produção na Indústria Geral
Brasil



Fonte: PNAD Contínua, IBGE. Elaboração: Gerência de Economia e Finanças Empresariais – FIEMG.

5. Impactos Econômicos e Setoriais da Pandemia do Novo Coronavírus

As estimativas dos impactos econômicos e setoriais da pandemia do novo coronavírus no Brasil e em Minas Gerais foram obtidas através de modelos matemáticos de previsão, ajustados com base nos dados disponíveis até o fechamento deste trabalho. Os modelos preditivos foram vinculados a modelos de insumo-produto e de equilíbrio geral computável, calibrados para uma matriz insumo-produto com abertura de 67 setores e duas regiões (Minas Gerais e Restante do Brasil), referentes ao ano de 2015.

Os modelos híbridos (modelos matemáticos de previsão + modelos de insumo-produto e equilíbrio geral computável) foram calibrados, ainda, com base no nível de ociosidade dos setores produtivos no estado e no país, no primeiro semestre de 2020, conforme descritos na **Tabela 1**.

Tabela 1 - Peso e Nível de Ociosidade por Setor
Brasil e Minas Gerais

	Peso do setor*		Nível de Ociosidade**	
	BR	MG	BR	MG
Agropecuária	6,4%	7,2%	0,0%	0,0%
Indústria	21,7%	25,3%	9,3%	10,9%
Indústria Extrativa	2,3%	4,2%	8,0%	6,0%
Indústria de Transformação	12,0%	13,8%	10,0%	16,5%
SIUP	2,9%	2,7%	4,6%	6,6%
Construção	4,5%	4,6%	11,0%	8,3%
Serviços	71,9%	67,5%	10,9%	19,9%

Elaboração: Gerência de Economia e Finanças Empresariais – FIEMG
* Peso do setor na composição do PIB (variável estrutural)
** Nível de ociosidade estimado no 1º semestre de 2020 (variável conjuntural)

A economia do Brasil e dos Estados Unidos apresenta semelhanças no que se refere à participação do consumo das famílias, dos investimentos, dos gastos do governo e do comércio internacional no PIB (**Tabela 2**). A observação dos efeitos nos setores produtivos das medidas de isolamento social nos Estados Unidos contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho. Com essa referência, utilizamos a variação no nível de ociosidade setorial dos Estados Unidos, de março em relação a fevereiro – contemplando 14 dias de isolamento social – para estimar os efeitos setoriais das restrições de contato social no Brasil e em Minas Gerais.

Tabela 2 – Composição do PIB - 2019

	Consumo	Investimento	Governo	Comércio Exterior*
Estados Unidos	69,6%	17,9%	17,3%	31,6%
Brasil	64,9%	15,4%	20,3%	29,0%

Fonte: LCA Consultores. Elaboração: Gerência de Economia e Finanças Empresariais – FIEMG
*Participação do somatório das exportações e das importações no PIB

Isso posto, e, consideradas as premissas apresentadas na sessão quatro, os resultados obtidos demonstram que a pandemia do novo coronavírus tenderá a um custo econômico elevado, e que o estado de Minas Gerais será relativamente mais afetado que o Brasil. A queda do PIB poderá alcançar 7,0%, no estado, e 5,7%, no país, em 2020 (**Tabela 3**).

Tabela 3 – Crescimento do PIB por Setor de Atividade
Brasil e Minas Gerais

	2020		2021	
	BR	MG	BR	MG
Agropecuária	4,5%	3,2%	3,2%	1,6%
Indústria	-4,9%	-5,3%	4,3%	9,5%
Indústria Extrativa	0,5%	1,3%	3,2%	9,8%
Indústria de Transformação	-6,2%	-8,5%	4,7%	12,9%
SIUP	-1,6%	-0,4%	4,1%	7,3%
Construção	-6,1%	-4,7%	3,8%	1,5%
Serviços	-6,9%	-8,8%	5,2%	1,3%
PIB	**-5,7%**	**-7,0%**	**4,9%**	**3,3%**

No Brasil e em Minas Gerais, avaliamos que o setor agropecuário será o menos afetado pela crise do novo coronavírus. Nossas perspectivas são de crescimento do setor de 4,5% no país e de 3,2% no estado em 2020. Em Minas Gerais, as estimativas são de alta de 26% na produção de café e de 10,4% na produção de soja, tendo em vista o clima mais favorável, com chuvas regulares.

Na contramão da agropecuária, o setor de serviços deve ser o mais impactado negativamente pelo surto do novo coronavírus. As nossas projeções apontam para uma queda de 6,9% do setor no Brasil, e de 8,8% em Minas Gerais, em 2020. No Brasil, assim como em Minas Gerais, os segmentos comércio, transportes, turismo, hotelaria e alimentação estão sendo duramente afetados pelas medidas de isolamento social.

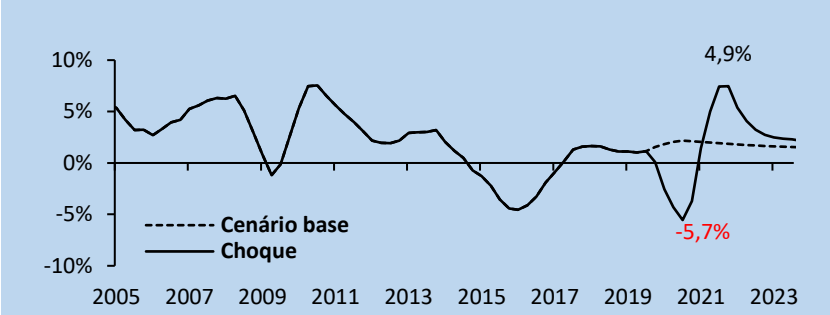
Para a indústria geral, é esperada queda da atividade neste ano, no Brasil (-4,9%) e em Minas Gerais (-5,3%). Nas duas regiões, a indústria extrativa mineral deve prestar uma contribuição positiva em 2020, após o fraco desempenho registrado em 2019, reflexo do rompimento da barragem de rejeitos em Brumadinho. Entretanto, as perspectivas são negativas para a atividade de extração de óleo e gás brasileira, fortemente impactada pelo excesso de oferta e pela queda da demanda de petróleo e, consequentemente, pela redução drástica do preço da *commodity*. O avanço do nível de ociosidade da indústria de transformação corrobora a expectativa de contração da atividade no Brasil, de 6,2% em 2020. Em Minas Gerais, dada a concentração manufatureira em poucos setores, a contração tende a ser mais profunda, de 8,5%.

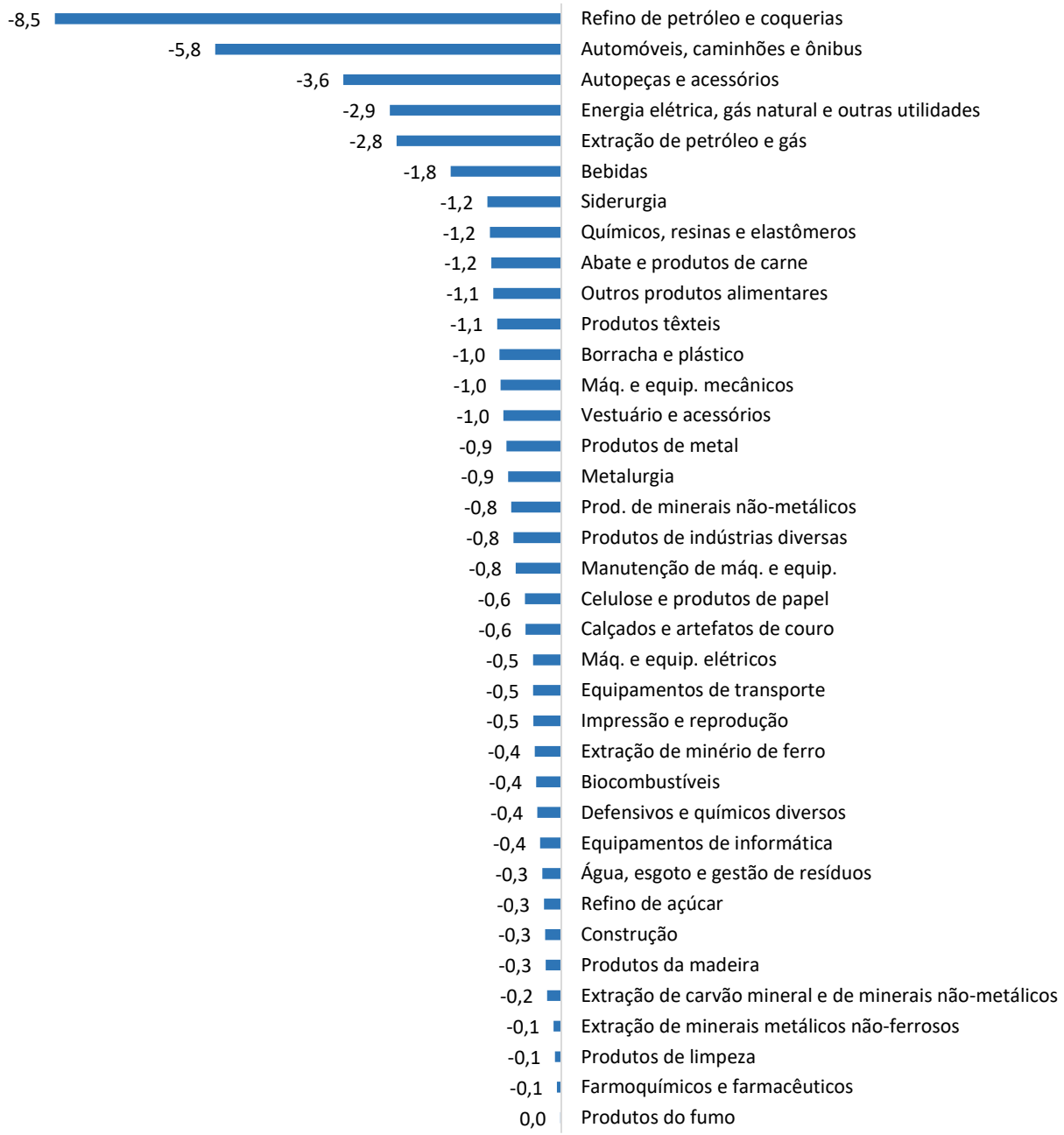
No Brasil, os setores industriais que tendem a sentir as maiores quedas na atividade em 2020 são: refino de petróleo e coquerias (-8,5%), automóveis, caminhões e ônibus (-5,8%), autopeças e acessórios (-3,6%) e energia elétrica, gás natural e outras utilidades (-2,9%) **(Figura 8)**.

Em Minas Gerais, os setores são: automóveis, caminhões e ônibus (-6,0%), refino de petróleo e coquerias (-4,1%), autopeças e acessórios (-3,7%) e siderurgia (-3,7%) **(Figura 9)**.

Assim como a indústria geral, a atividade de construção civil sentirá os efeitos negativos da queda da renda e da confiança. O nível de ociosidade da indústria da construção deve ser afetado a partir do segundo semestre do ano, quando a postergação das decisões de investimentos em imóveis e de compras para uso próprio passarão a desincentivar a realização de novas obras. As projeções apontam para uma contração do setor de 6,1% no Brasil e de 4,7% em Minas Gerais em 2020.

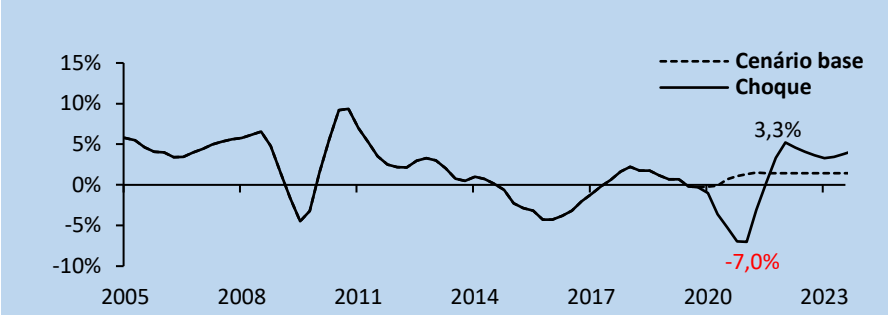
Figura 8 – Produto Interno Bruto Acumulado em Quatro Trimestres
Decomposição Setorial Industrial (%) - Brasil

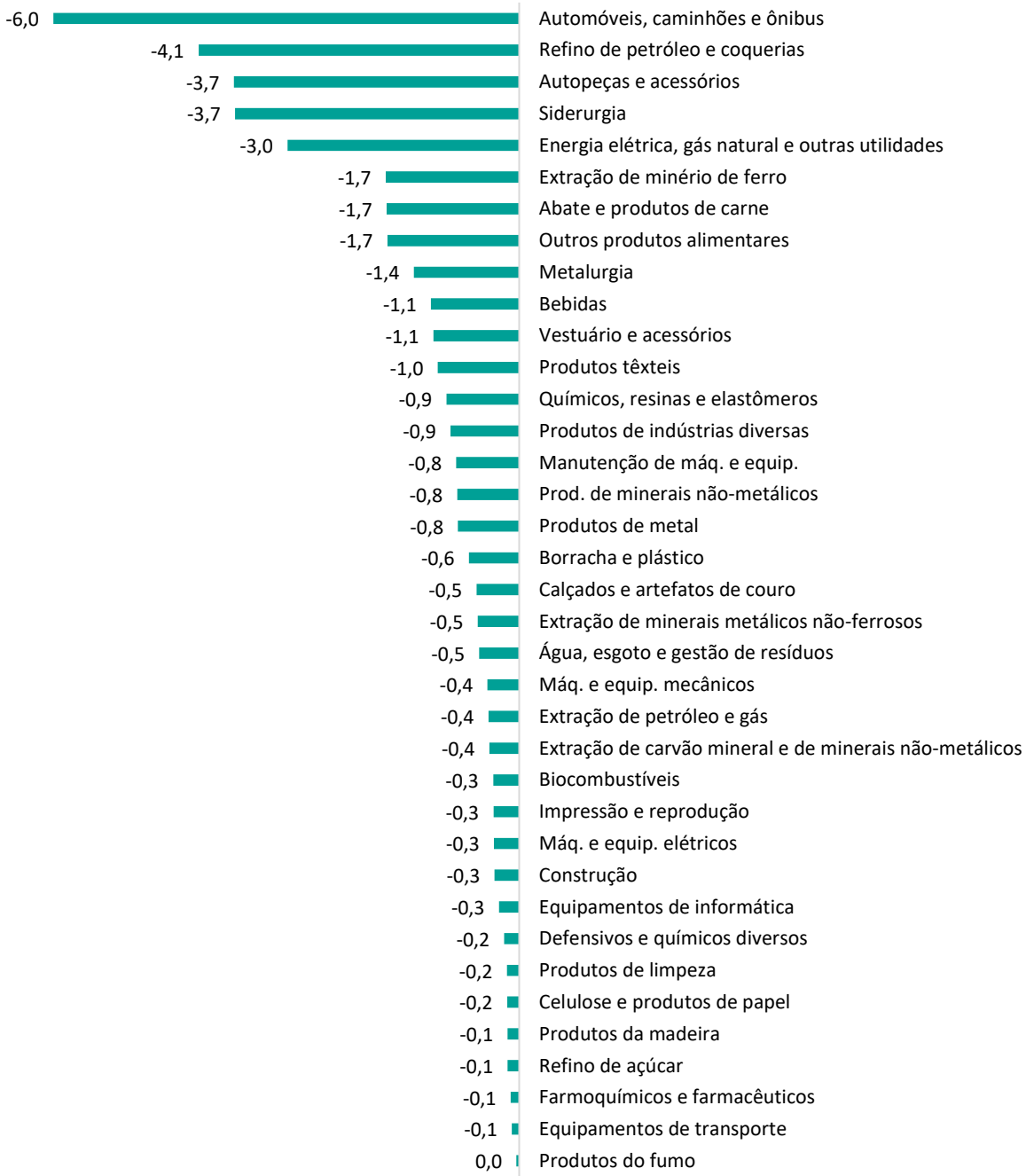




Elaboração: Gerência de Economia e Finanças Empresariais – FIEMG

Figura 9 – Produto Interno Bruto Acumulado em Quatro Trimestres
Decomposição Setorial Industrial (%) - Minas Gerais





Elaboração: Gerência de Economia e Finanças Empresariais – FIEMG

6. Conclusões

A combinação de uma crise na saúde com uma crise econômica após a mais profunda recessão da história brasileira impõe muitos desafios para os formuladores de políticas públicas brasileiros. A ausência de um plano estratégico nacional e claro para lidar com esses dois enormes problemas torna os exercícios de previsão de curto e médio prazo mais difíceis. As projeções de queda da economia brasileira variam de 3% a 10% em 2020 entre os analistas de mercado.

Em meio à pandemia, ocorre, ainda, uma crise política, marcada por uma queda de braço entre os três poderes da república e pela ameaça de impeachment do presidente Jair Bolsonaro. Quem estará no poder em 2021?

Há elevada incerteza no que se refere ao desempenho das medidas econômicas de preservação do emprego e da renda, assim como dos auxílios às pessoas e aos setores mais vulneráveis. Quantos serão os desempregados no Brasil ao final de 2020?

A todas elas, soma-se um novo componente – o futuro fiscal. O aumento do déficit e do endividamento público e a enorme dificuldade de aprovação de reformas estruturais diante de um ambiente político desfavorável são muito preocupantes. Qual será o custo de financiamento da dívida pública mais adiante?

Há muitas dúvidas ainda sem respostas. Até que elas sejam minimamente elucidadas, os exercícios de previsão do desempenho da economia brasileira serão revisados com frequência.

1 ROSER, Max. The Spanish flu (1918-20): The global impact of the largest influenza pandemic in history